

Antropologia, Arte e Gregory Bateson na visão de Massimo Canevacci

Anthropology, Art and Gregory Bateson by Massimo Canevacci

Marialba Rita Maretti ¹

RESUMO

Entrevista realizada com o Professor Doutor Massimo Canevacci, da Facoltà di Scienze della Comunicazione, Università degli Studi di Roma "La Sapienza", um pensador que é adepto da pesquisa e reflexão sobre a comunicação visual. Para tal percorre desde o virtual, as webculturas e os mix-media até a política, o esporte e a arte. Esperamos que a entrevista a seguir seja um convite tanto à obra *Naven* de Gregory Bateson, recentemente traduzida para o português, como também ao pensamento deste autor - pouco conhecido nos meios brasileiros - e as conexões entre arte e antropologia, nas palavras deste expoente da Antropologia.

Palavras-chave: Antropologia. Arte. Gregory Bateson.

ABSTRACT

Interview with Professor Massimo Canevacci of the Facoltà di Scienze della Comunicazione, Università degli Studi di Roma "La Sapienza", a thinker who is adept in research and reflection on visual communication. To that end traveled from the virtual, the webculturas and mix-media to politics, sports and art. We hope the following interview is an invitation both to the work of Gregory Bateson's *Naven*, recently translated into Portuguese, as well as the author thought of this - little known to the Brazilians - and the connections between art and anthropology, in the words of this exponent of Anthropology .

Key Words: Anthropology. Art. Gregory Bateson.

¹ Graduada e licenciada em Ciências Sociais, especialista em Artes Visuais pela Unicamp e mestranda em multimeios pela mesma universidade, onde aborda o tema de Antropologia Visual, com auxílio da Fapesp. marialbamaretti@gmail.com

Massimo Canevacci é professor de Antropologia Cultural na *Facoltà di Scienze della Comunicazione*, da *Università di Roma, "La Sapienza"*. Seu vínculo com o Brasil vai além de ser casado com a coreógrafa paulista Sheila Ribeiro, Canevacci costuma vir como professor convidado de muitas universidades e instituições de pesquisa, por todo o país, ministrar cursos e palestras.

Autor de importantes obras de referência como: *Comunicação Visual* (2009), *Fetichismos Visuais – Corpos Erópticos e MetrÓpole Comunicacional* (2008), *Culturas Extremas: Mutações Juvenis nos Corpos das MetrÓpoles* (2005), *A Cidade Polifônica* (2000), *Sincretismos: Exploração das Híbridações Culturais* (1996) e *Antropologia da Comunicação Visual* (1990 reeditado em 2001). Realiza pesquisas etnográficas sobre várias áreas: cultura indígena, movimento juvenil, metrÓpole, comunicação, cultura e o visual.

Já foi classificado como “intérprete da metrÓpole pós-moderna” por um jornal brasileiro. Canevacci é um pensador que não economiza pesquisa e reflexão sobre a comunicação visual, para tal percorre desde o virtual, as webculturas e os mix-media até a política, o esporte e a arte.

Graças às facilidades do correio eletrônico pudemos conversar – ultrapassando as distâncias entre Brasil e Itália – com Massimo Canevacci. Os diversos e-mails e conversas *online*, sempre em língua italiana, resultaram na presente entrevista, a qual teve como ponto de partida a recente tradução, para o português, da obra *Naven*² de Gregory Bateson. A qual trata do estudo de uma cerimônia homônima ao título praticada pelos Iatmul, tribo da Nova Guiné, em meados dos anos 1930, destinada a congratular o filho de uma irmã por um feito considerado adulto. Em *Naven*, após trezentas páginas com uma análise tripla do ritual (etológica, sociológica e estrutural), Bateson apresenta 28 pranchas fotográficas totalizando 49 fotografias, compreendendo diversos aspectos culturais dos Iatmul.

Naven foi um livro mal compreendido na ocasião de seu lançamento: Radcliffe-Brown escreveu uma dura crítica em *The American Journal of Sociology* afirmando que esta monografia “como se destina a ser, é sugestiva e não conclusiva,

2 Versão inglesa: BATESON, Gregory. **Naven**; a survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea tribe drawn from three points of view. 2^a. ed. Stanford: Stanford University Press, 1958 [1936].

e será apreciada por aqueles que estão procurando estimular sugestões em vez de conclusões resolvidas³” (RADCLIFFE-BROWN, 1937, p.173). Brown, continuava afirmando que o argumento utilizado por Bateson ao longo de *Naven*, é ao mesmo tempo sua autobiografia intelectual.

Enquanto que Malinowski ao prefaciador o livro *Nós os Tikopias*, de autoria de seu discípulo, Raymond Firth (1998), elogia Firth caracterizando este trabalho como algo primoroso que surge em meio a um cenário, caracterizado pelo prefaciador, como recorrente ao aparecimento de teorias antropológicas indigestas. Tais teorias são exemplificadas por Malinowski como aquelas que tentam analisar cada sociedade específica em termos de cismogênese ou que buscam definir o “gênio” individual. De forma a criticar, ao mesmo tempo, Bateson e Ruth Benedict:

Várias vezes ao ano surgem novas normas, e a realidade da vida humana vê-se submetida a manipulações estrambóticas e alarmantes (...) Fica-se tentando a analisar as culturas em função da cismogênese, ou definir o “gênio” individual e singular de cada sociedade em particular como apolíneo, dionisíaco, paranóico e coisas assim. Sob a hábil pena de outro escritos, as mulheres de uma tribo se vêem masculinas enquanto os varões adquirem características femininas que quase os permitem dar a luz. Em contraste com o anterior, o presente livro é uma obra sem afetações, genuinamente sábia, baseada na experiência real de uma cultura e não na hipostatização de umas quantas impressões. O antropólogo que considera científico o trabalho que realiza pode respirar tranqüilo e agradecido (MALINOWSKI, 1998, p. 16).

Até hoje *Naven* é uma obra pouco lida e estudada no Brasil (talvez devido à falta de uma versão em língua portuguesa), restando a Bateson ser mais conhecido, na comunidade antropológica brasileira, devido a sua parceria com Margaret Mead, que além de ter se casado com a antropóloga estadunidense, escreveram juntos o livro *Balinese Character* (1942), considerada como marco inicial da antropologia visual. Contudo, a produção de Gregory Bateson vai além da antropologia, atravessando diversas áreas do conhecimento como a biologia, a comunicação, a epistemologia e a psicologia.

Esperamos que a entrevista a seguir seja um convite tanto à obra *Naven*, como ao pensamento de Bateson, nas palavras do expoente antropólogo Massimo Canevacci.

3 “As it intended to be, suggestive and not conclusive, and will be appreciated by those who are looking for stimulating suggestions rather than settled conclusions.” (Tradução minha)

1) Qual é sua trajetória na Antropologia? E, dentro desta, o que o senhor tem pesquisado atualmente? Tem se utilizado de imagens em suas pesquisas?

O meu itinerário na Antropologia Cultural é oblíquo. Me formei na Escola de *Frankfurt*, em particular sobre a dialética do Iluminismo. Neste sentido o conceito de cultura, no qual me iniciei, é aquele de *Kultur*, isto é a cultura humanística, diria eurocêntrica, aquela que inicia-se com a filosofia grega e chega à catástrofe do nazifascismo. Uma cultura que tem necessidade de misturar diversas disciplinas. Mas, que tinha no centro a reflexão filosófica aplicada na pesquisa empírica. Uma filosofia de pesquisa social que tinha como *telos* o escopo de transformar o mundo segundo a célebre tese XI de Marx, sobre Feuerbach. Depois, por um acaso, logo que me formei, um professor de Antropologia Cultural me chamou para colaborar na sociologia, ele queria conhecer a “nossa” cultura antes de estudar as culturas dos “outros”. Neste começo, por outro acaso, fui convidado a ensinar no Brasil, em 1984, e, meu ponto de vista começou a mudar profundamente. Eu descentralizei a “grande cultura ocidental” como uma das culturas ocidentais e filosofias possíveis. Deixei dolorosamente, diria traumáticamente, minha formação clássica. E, foi um presente precioso que o Brasil me deu. Assim comecei a fazer primeiro uma pesquisa espontânea e depois sempre mais metodologicamente fundada sobre São Paulo.

Sempre tive uma paixão irrefreável pelo cinema e em geral para com o visual e as artes. Por isso, decidi fazer uma pesquisa empírica sobre a comunicação visual sobre a enorme metrópole de São Paulo, utilizando diversos métodos. Devido a isso, utilizei o conceito de polifonia, o qual decidi colocar no título final de minha pesquisa: “A cidade polifônica”. Foi um mix de escrita ensaísta, narrativa, etno-poética e de imagens. Comecei esta pesquisa fotografando alguns lugares de São Paulo, seguindo a hipótese de quatro centros: A Faria Lima chegando a Berrini era uma possibilidade distante e, para mim, ali estava nascendo um centro pós-industrial emergente. E depois de fotografar alegorias, estátuas de pedra, seringueira, trabalhadores da construção suspensa em estranhos andaimes, evangélicos de rua, os grandes edifícios modernistas, aqueles de Lina Bo Bardi - que amo. Desmistificando a pirâmide da FIESP na av. Paulista. Em suma, os trabalhos sobre e

com as imagens eram dialógicos com a escrita.

Posteriormente, e sempre por acaso, encontrei um cacique Xavante Domingos Mahoro'e'o que me convidou para sua aldeia. Então, finalmente comecei a fazer pesquisas "indígenas" no Mato Grosso, entre o primeiro e, em seguida, entre os Xavante e depois entre os Bororo. A participação nos rituais de "furação das orelhas" e ainda mais para o "funeral Bororo" foram as experiências da minha vida. As imagens foram sempre decisivas, mas para minha grande surpresa, no começo eram como um desafio e, no final, transformaram-se em um prazer, entre estas duas culturas, haviam pessoas como Divino e Paulinho que usaram o vídeo. Daí a minha posição atual com base na auto-representação, ou melhor, uma tensão dialógica e até conflitos entre auto e hetero representação. No fim de meu projeto atual, que marcou no tempo e isso para mim é um pressuposto fundamental para muitos pontos de vista, é a relação aldeia-metrópole. Ou seja, uma etnografia que transita entre a aldeia e cidades para encontrar pontos de contacto de diferença, de conflito, de sincretismo na qual comunicação-cultura-consumo desempenham um papel sempre mais importante na sociedade que está em evidente declínio.

2) Como o senhor vê o desenvolvimento dos estudos das imagens na Antropologia Visual na contemporaneidade?

Os processos globais que estão remodelando o mundo contemporâneo nas últimas décadas encontram nas imagens um campo de pesquisa cada vez mais decisivo. É como se o que foi concebido como política ou sociedade, esteja cada vez mais concentrado em algumas imagens de um corpo de imagens fundamentais para a interpretação e a transformação do mundo, se não, pelo menos, das partes significativas. Neste sentido, a Antropologia Visual, tem uma tarefa específica que não pode adiar ou delegar a outras disciplinas, enquanto deve favorecer o cruzamento interdisciplinar adequado ao desafio mutante diante dos nossos olhos maravilhados. A crescente proliferação de códigos por unidade de imagem, que a comunicação digital transmite de modo crescente e inédito, projeta para uma abordagem etnográfica em cada *frame* (moldura) da comunicação. Ao mesmo tempo, a etnografia é o instrumento metodológico flexível que penetra dentro do digital como se fosse – e realmente o é – um campo de pesquisa empírico para

explorar os processos de uma metamorfose continua que as imagens digitais incorporam. A minha sensação é que diante desta obrigação imensa, que redefine a política e as mudanças, os estudos aplicativos da Antropologia Visual sejam inadequados. Em grande parte usam conceitos, métodos, paradigmas analógicos, isto é, plasmados pela comunicação analógica e então incapazes de entrar dentro da comunicação digital. Enfim, porque as modalidades da representação ou – como prefiro definir – pela composição não podem ser exauridas na forma escrita do ensaio; a composição define-se para se adequar à multiplicação das linguagens que as imagens comunicam, para poder ultrapassá-los, elaborando polifonias multi-textuais expressivas de sincretismos digitais.

3) O senhor acredita que o aspecto estético deve ser um fator de importância para as análises dentro da Antropologia Visual?

Certamente. A estética novamente envia - sempre - a sua vontade de entrar dentro do “sentir”, de escorrer na profundidade da superfície que as imagens comunicam. Além da mais banal homologação, a estética da Antropologia Visual esclarece aquilo que apaixona cada pessoa: descobrir o sentido da vida conectado à beleza, uma beleza que tem como escopo a mudança de quem observa ou a possui, uma beleza por sorte não mais eurocêntrica, mas difusa e desarticulada nas muitas variantes, não somente das culturas quanto das pessoas que se maravilham frente à estética, se abrem na maravilha como uma esponja que absorve o escorrer das águas e depois as expele em sua inimitável maneira. A estética costuma refletir sobre cada mínimo detalhe do visual, observando os significados implícitos e explícitos, e até prever o trânsito através de novos horizontes estéticos ainda invisíveis.

4) Como o senhor analisa o crescente número de estudos sobre a Antropologia da Arte hoje?

A arte é um conceito difícil de definir. Sabemos que algumas culturas nem mesmo possuem este conceito, o qual mesmo sendo vivido a cada momento de sua vida.

Por arte eu entendo: um objeto que se coloca em frente ao observador e que

o coloca em transformação, saindo de seus costumes conceituais ou emotivos, desejando que sua identidade não permaneça fixa e imutável. De fato, a obra de arte por sua vez observa o observador, e este não permanece estático. Mas a relação de duplos olhares deseja uma recíproca mudança. Neste processo próprio da arte, a Antropologia descobre que o objeto não é feito somente de “coisa”, mas se move e se comunica como um sujeito. É este o tema que me apaixona: os novos fetichismos visuais, os quais a arte contemporânea é totalmente imersa. Enfim, a arte se conecta sempre mais ao corpo. Torna-se corpo. Uso o termo inglês *Body-Corpse*, no sentido de que o corpo é todo vivo (*body*) e do todo morto (*corpse*): que em meio ao hífen transitam os fetichismos visuais. Então descobre-se que, quanto mais se estuda, muitos artistas contemporâneos refazem a Antropologia, a estudam e a aplicam em suas obras (como Orlan, Sophie Calle, Gomez Penha ou Coco Fusco, somente para assinalar alguns nomes). Arte e Antropologia são conectadas por uma intimidade perturbante. Desenvolver a Arte de um ponto de vista Antropológico, não quer dizer somente fazer etnografia: para mim significa no corpo mesmo da pesquisa, na sua composição, afirmar a imanente interconexão entre Arte e Antropologia. Assim, a Arte perde sua visão histórica ligada ainda muito freqüentemente à visão de História da Arte Ocidental, uma arte singular-universal: a aproximação antropológica favorece a multiplicação híbrida dissonante daquilo que se pode entender por Arte. E a Arte Antropológica é dissonante porque oferece ainda mais a falsa harmonia conciliatória muitas vezes ainda no poder.

5) Há alguma influência direta das idéias de Gregory Bateson em seu trabalho?

Adoro Bateson e, ao mesmo tempo, tento identificar algumas limitações em seu contexto histórico e cultural. O livro que mais me impressionou é o *Balinese Character*, que na minha opinião, é o melhor da pesquisa etnográfica com uma câmara de filmar e fotografar, de sempre. Insuperável. O conceito de uma seqüência que define um traço cultural (como, por exemplo, aleitamento ou o transe) são a base para minha pesquisa e meu ensino. Sempre que o mostro na sala de aula se forma um silêncio atento para o processo de investigação, do qual posteriormente desenvolveram-se conceitos fundamentais, como o *duplo vínculo* (*double bind*) e a *ecologia da mente*. Especialmente o primeiro conceito, *duplo vínculo*, que foi

aplicado à comunicação visual: publicidade, cinema e política. É um conceito que perpassa a psicologia, a etnografia, a comunicação, com um projeto de libertação. Todos os alunos (inclusive eu) estão cheios de duplos vínculos. Fixá-los e tentar dissolvê-los criativamente é a grande lição do Gregory Bateson.

Já o Ecologia da mente é mais articulado: há muitas limitações genéricas que tornam-se estilos comuns, como o filme *Avatar*, de Cameron, que tanta gente conseguiu enxergar a ecologia de Bateson nele. E talvez tenham razão. A trama-que-liga, *patterns which connects*, é sem dúvida importante. Mas desliza facilmente em um hippie místico zen, ayahuasca e coisas deste tipo. De modo que me deixa desconfiado como o seu conceito de holístico, o qual para mim é perigosíssimo: a de que o todo esconde a parte.

Em todo caso, reivindico a subjetividade (de um novo tipo que eu chamo de multi-indivíduo) como não unificável em uma totalidade ecológica. Este é um erro de Gregory Bateson. Essa ansiedade de perder a si mesmo. Enfim, Gregory Bateson me influenciou na ligação entre etnografia e cultura digital: a sua participação no nascimento da cibernética com Wiener foi muito importante. Daí a minha pesquisa desde o início, sobre a internet e o digital.

6) Como o senhor diferenciaria as visões teóricas entre Bateson e Margaret Mead?

São muitas as diferenças entre eles. Talvez possamos separá-los por suas diferenças teóricas, bem como sentimentais e altura!

Margaret nasceu com a escola de *cultura e personalidade*, e lá permaneceu. Mead busca conectar a Antropologia Cultural com a Psicologia, defendendo uma visão aberta de mulher e sexualidade. Na década de 1950 a liberdade pedagógica era muito importante.

Já Gregory Bateson está sempre em trânsito transdisciplinar, este é um aspecto que eu, particularmente, amo. Partindo da Antropologia Cultural e do único texto que ele escreveu, *Naven*, depois de experiências na pesquisa visual, da cibernética, da etologia, da pragmática da comunicação, em Palo Alto e, dos metalogos realmente belos e doces com a filha e, em seguida, ou melhor juntos, a ecologia da mente.

Outra diferença é que Margaret escreve, escreve, escreve, enquanto, Gregory, em Bali fotografava e filmava, em seguida, falava, às vezes como um oráculo.

7) Como o senhor pensa a Antropologia Visual frente a uma antropologia vigente no período de Bateson (década de 1940)?

Era a Antropologia Cultural clássica, dividido em diferentes escolas que têm vindo a ser objecto da história da disciplina. Quero dizer que ninguém hoje se definiria como estrutural, funcional, um seguidor da cultura e da personalidade, ou um incerto dialético marxista. Foi um momento de enorme conflito com a guerra ao redor do mundo. O mesmo marxismo da época era maniqueísta e de uma escola dialética. Aos poucos o revitalizamos e será descoberto muito tempo depois, na década de 1960: Gramsci e seu conceito crítico de cultura não-determinística e parcialmente autônoma, da Escola de Frankfurt com uma crítica de síntese dialética e com atenção à experimentação artística.

8) Na sua opinião, porque os trabalhos de Bateson começaram a ganhar notoriedade no atual debate antropológico?

Alguns dizem que Gregory Bateson sempre esteve no centro das discussões. Mas isso não é verdade. A nova Antropologia Cultural foi muito influenciada por ele. E por isto está em crise. Refiro-me ao grupo **Writing Culture**, coordenado por Clifford e Marcus. Era um grupo fenomenal, que tentou renovar a Antropologia Cultural, mas que mostrou, já no início, algumas deficiências graves. Em suma, o grupo Writing Culture foi criado em meados dos anos 1980, quando a cultura digital estava nascendo, porém eles nunca compreenderam a importância da mudança que envolve não somente a cultura escrita: a comunicação é uma mistura de linguagens multi seqüenciais. Depois, a arte foi vista como significativa apenas na década de 1930, na França, enquanto os contemporâneos *avant-gardes* eram ignorados, quando na verdade apenas quando as *avant-garde* formaram-se na história da arte são interessantes, mas não quando estão perto dos antropólogos. Mas devo dizer que esta crítica não se aplica a George Marcus, ele foi o único a continuar a pesquisa sobre a arte.

Finalmente, a escrita só ignora a importância do visual: Clifford nunca se encontraria com Cameron e esta é uma tragédia para a comunicação visual e para muitas outras coisas na mídia para a política. Para voltar ao Marcus, acredito que ele seja o melhor intérprete de Gregory Bateson. Portanto, é de Marcus que se desenvolve um interesse atual sobre Gregory.

Então, Gregory Bateson atravessou as disciplinas e se conectou à cibernética nascente e à etnografia: quem está atento às mudanças da comunicação digital tem nele uma referência para além das diferenças possíveis (como as minhas). Nesse sentido, aqueles que desejam fazer uma pesquisa sobre o visual, sobre a comunicação, sobre digital, tem Gregory Bateson como única referência no panorama antropológico mundial. Daí a sua determinante presença hoje. Pode-se pensar que Geertz "envelheceu" prematuramente com sua interpretação hermenêutica ...

9) Quando o senhor leu a obra *Naven* pela primeira vez? Acredita que ela o tenha influenciado?

Eu a li apenas traduzida em italiano, em 1988. Influenciada desde o início da minha "cidade polifônica": sua concentração de escolha metodológica, para voltar ao mesmo ritual sempre com novos pontos de vista, o fato de que nunca poderia "compreender" em sua totalidade, e talvez até mesmo em sua parcialidade um "simples ritual", que a pesquisa não termina em um "objeto" por mais microscópico que pode ser. Em suma, a multiplicação de pontos de vista dos próprios pesquisadores sobre o próprio objeto de pesquisa tem sido decisiva.

Devo dizer que, devido a isso, se desenvolveu em mim a necessidade de ver a dimensão subjetiva do objeto, para dar voz à individualidade que a Antropologia Cultural, mesmo que batesoniana, silencia, ignora ou até mesmo remove. Minha intenção é encontrar a individualidade no trabalho de campo, ainda que sem nome e voz. Neste sentido, o excesso de "objetivismo" ligado ao excesso de geração de "transcendência" é o seu limite.

Eu sempre achei o sublime e, talvez um pouco janota, o fato de que Bateson tentou uma etnografia (*Naven*) e, em seguida, decidiu que não valia a pena o esforço, que era desnecessário ou impossível fazer etnografia. Enfim, o seu conceito

de *ethos*, de que forma as emoções são produzidas, fixadas e modificadas. Ter estudado as emoções é um de seus grandes méritos, como é conhecido, fato que fez empalidecer de raiva Malinowski.

10) A que o senhor atribui a localização das fotografias no final do livro *Naven*?

Devo revê-las e, infelizmente para mim, mudei de Roma a São Paulo e muitos dos meus livros ainda estão lá. As fotos são como eu me lembro e como eu disse, *objetivas*. Gregory pensou que a câmara podia fazer pesquisa *objetiva*, científica, no sentido de que era apenas um método científico clássico com base em ensaios e erros (*trials and errors*). Essa é o aspecto positivista do século e um pouco oitocentista de Gregory Bateson.

Às vezes me pergunto por que Gregory Bateson não deu a camera a um Balinês ou a um Iatmul. São comuns fotos unitárias, daria separadas, que se unem à pesquisa e que não fazem pesquisa; o conceito metodológico decisivo da seqüência de fotos por unidade cultural (transe) será elaborado em Bali. Em suma, são fotos iniciantes, talvez influenciadas por Malinowski, que, em seguida, criticou o livro.

11) Na sua opinião, qual é a maior contribuição do livro *Naven* para a Antropologia? Ela pode ter influenciado outros autores?

Além de Gregory Bateson, *Naven* contribuiu para a crise da objetividade na pesquisa, a aproximação constante a um núcleo de verdade etnográfica que sempre foge, que irá mover cada vez mais além, enquanto o mesmo ritual e o sujeito que o praticam mudam, assim como o sujeito que faz a pesquisa é sempre diferente.

Enfim, a etnografia é acabável e inacabável, como diria Freud para a análise, Einstein sobre a relatividade e o principio da indeterminação de Heisenberg. Como dito anteriormente, acredito que George Marcus foi muito influenciado por ele e os seus ensaios sobre Gregory Bateson são os melhores.

Talvez, Gregory Bateson, esteja limitado na disciplina e assim tenha influenciado muitas pessoas que não tornaram-se antropólogos no sentido restrito. Na minha humildade, posso dizer que me influenciou profundamente, que a leitura e a visão atenta de *Naven*, de *Balinese Character* e de *Ecologia da Mente* me formaram. Depois, junto a um autor contemporâneo de Bateson, totalmente

diferente, os quais nunca se encontraram, nem tocaram-se cientificamente, me refiro a Walter Benjamin. Aqui sinalizo outro aspecto metodológico que tocava ambos além de um certo misticismo. Gregory Bateson diz no célebre posfácio de *Naven* que o método está no colocar junto os dados. Genial e, diria, fundamental, de cada pesquisa contemporânea. Enquanto que, Benjamin, mais sensível ao cinema, algo reproduzível, afirmava que o método está na montagem. A composição é o conceito para mim adequado ao lugar da escrita, a fim de dar sentido à pesquisa de campo: uma montagem de fragmentos a qual a articulação móvel consegue dar um sentido parcial e contemporâneo. A mesma pesquisa debaixo do olhar móvel e diferente de cada pesquisador ou leitor.

12) Recentemente *Naven* foi traduzido em língua portuguesa, como vê o fato desta obra etnográfica ser acessível aos brasileiros somente no ano de 2008?

Para mim é claro, a Antropologia Cultural brasileira tem tido uma única referência: o estruturalismo. Todos os antropólogos formaram-se com ele ou com a escola francesa. São poucos aqueles que se enveredaram para o Antropologia Cultural estadunidense, por um prejuízo político bizarro e comumente datado. A crise do estruturalismo é de dez anos atrás, mas, a academia brasileira manteve seu poder, infelizmente muito limitado e impermeável ao resto. Mesmo James Clifford, sempre foi tratado mal, também quando tentava tornar mais jovem a disciplina. Enquanto George Marcus foi ainda totalmente ignorado.

Evidentemente, uma nova geração de doutorandos está entendendo que precisa colocar novamente em movimento a disciplina, reduzida a cânone, que não se deve repetir as noções dos seus professores mestres, mas procurar novas vias, assim como fez Gregory Bateson a respeito de Malinowski.

Então posso dizer, não sei se erro, que esta tradução é um evento, uma pedra milenar, que atesta, no Brasil, a fuga da disciplina embasada no franco-estruturalismo. O próprio passo, ao meu ver, é traduzir *Balinese Character*.

13) Na sua opinião, faz sentido hoje fazer como Naven? Em uma era digital com imagem em movimento e todos tendo a possibilidade de produzir e modificar imagens facilmente?

Claro que não, o livro, para situá-lo historicamente, e você pode fazer isso conceitualmente, creio que o método adequado para o digital foi antecipado por Gregory Bateson, mas não somente quando colaborou com Wiener, também, mesmo com *Naven*, especialmente, como eu assinali, em seu lindo posfácio de 1958, uma verdadeira virada metodológica e uma liberação pela crítica. É mesmo a crítica no curso processual da pesquisa que rende e a sua obra é em geral decisiva: a única que conseguiu antecipar a internet. Lembro que o *feedback*, não somente aqui no Brasil, mas também na Itália e na Europa, talvez também nos Estados Unidos, foi elaborado também graças a ele, que a cibernética é a mãe da internet e da web, que então penetrando naquelas páginas se desenvolve uma liberdade de pensamento que se adaptará facilmente ao novo contexto.

Ler agora Levi-Strauss, com o respeito por sua morte, e pela sua vida, significa manter-se longe do hoje e também a virada interpretativa de Geertz ajuda pouco. Gregory Bateson, ao contrário, é contemporâneo na medida em que antecipou uma sensibilidade e um posicionamento perceptivo e cognitivo, talvez também estético, sobre o digital, mais do que qualquer outro antropólogo. E não é só isso. Não é por acaso que o chamado desafio da complexidade que envolve vários epistemólogos tenham como ponto de partida Gregory Bateson.

14) A que o senhor atribui o fato que, no fim de sua carreira, Bateson renega a utilização de imagens na pesquisa antropológica – já que este fato foi muito presente no começo de sua carreira?

Creio que este fato depende de uma virada mística, que se torna claro em Gregory Bateson quanto mais profetiza a sua ecologia da mente e a relação entre mente e natureza. Um misticismo à William Blake, que nele se misturavam os modos surpreendentes com Wiener e com uma tradição científica e objetiva ao qual eu dizia anteriormente (e o pai da genética etc), depois com Darwin e incrivelmente às vezes mais ainda com Linneo.

No final de sua vida, talvez, a causa de sua doença com a qual conviveu por

muito tempo, mais tempo que Margaret Mead não aceitando as curas dos médicos e envolvendo-se com a nascente comunidade Hippie Californiana, isso favoreceu, contra sua vontade, uma certa santificação profética. Neste momento as imagens estavam atrapalhando. No fim, a crescente influência do zen, já nos anos 1940, informo para a ecologia não ambiental mas mental, e lembro alguns escritos significativos que a filha de Bateson e Mead, Mary Catherine Bateson, conta em seu lindo livro *Con occhio di figlia*⁴. Gregory Bateson livra-se progressivamente de tudo aquilo que não sejam palavras. A palavra se transforma em um veículo para entrar no mundo e atravessá-lo. Talvez a reação protestante iconoclasta penetrou em Bateson e chegou às iluminações solares abstratas que se podem ver nos quadros de Blake. E Gregory entrou docemente nos alucinógenos, morrendo socraticamente em respeito à visão das leis que estão em outro mundo...

Entrevista realizada via internet através de trocas de e-mail e recursos de bate papo.

Março, 2010.

4 Versão inglesa: BATESON, Mary Catherine. **With a Daughter's Eye**. New York: William Morrow and Company, 1984.

REFERÊNCIAS

BATESON, Gregory. **Naven**: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas. São Paulo: EDUSP, 2008.

BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind**. New York: Ballantine, 1972.

BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. **Balinese Character**: a Photographic Analysis. (Special Publications of the New York Academy of Sciences, vol. II). New York, 1942 (reimpresso em 1962).

BATESON, Mary Catherine. **Con occhi di figlia**. Feltrinelli: Milano, 1985.

MALINOWSKI, Bronislaw. Prefácio. In: FIRTH, Raymond. **Nós os Tikopias**: um estudo sociológico do parentesco na polinésia primitiva. São Paulo: EDUSP, 1998. pp. 15-20.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Review Naven: A Survey of the Problems Suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe Drawn from Three Points of View, by Gregory Bateson. **The American Journal of Sociology**, v.43, n.1, p.172-174, jul. 1937.

Entrevista: Recebido em: 18/04/2010 Aceito em: 28/04/2010
